

O MEU PIPI SERMÕES

Dossier de Imprensa



REVISTA LER, DEZEMBRO DE 2011

O MEU PIPI EM SERMÕES

Um dos maiores fenómenos de popularidade do início da blogosfera portuguesa (*omeupipi.blogspot.com*), desaparecido em combate há oito anos, regressa a 9 de dezembro, mas apenas às livrarias. Pelas 104 páginas de *O Meu Pipi – Sermões* (Tinta-da-china) passarão novas pistas (pistas, pistas, leu bem), essenciais a quem há muito procura resolver, sem sucesso, o enigma da autoria de tão badalada e licenciosa prosa. «Os bons sermões, como os de Moisés, de Cristo ou do Padre Vieira», escreve o senhor(a) Pipi, «provocam em mim um assombro e maravilhamento tais que me fazem sempre concluir, terminada a leitura: é possível fazer muito melhor que isto. O pregador deve ter o verbo mais expressivo e inculcar uma moralidade ainda mais recta.»



PUB

Livros

No princípio era a pichota (O Meu Pipi está de volta)

O press-release de *O Meu Pipi - Sermões* vinha acompanhado da seguinte informação: "O Autor está disponível para entrevistas por email ou presenciais caso os jornalistas possuam excelentes tetas." Como as tetas de João Miguel Tavares são fraquitas, a entrevista ao anónimo mais famoso de Portugal teve de seguir por email.

Desde 2003 que ninguém ouvia falar n'O Meu Pipi. Tirando esgalhar pessegueiros, debulhar maçarocas, escamar besugos e restantes actividades gastronómicas, o que é que andou a fazer nos últimos anos?

Empreendi uma longa viagem interior de descoberta pessoal. Logo aí, gastei mais de dez minutos. O tempo remanescente, ocupei-o a trabalhar no meu romance, *Retrato dum amigo enquanto fala*. É a história de um homem que desperta, certa manhã, transformado num gigantesco falo, e um seu amigo pinta-lhe o retrato. Trata-se, evidentemente, de uma obra que se insere na tradição do realismo mágico, uma vez que o amigo pinta mesmo muito bem, embora nunca tenha cursado Belas-Artes, o que acaba por ser fantasioso.

O Meu Pipi - Diário era composto por uma recolha de posts do blogue O Meu Pipi, falecido há muito. Porque é que se decidiu agora por uma obra de maior fôlego, como é o caso destes Sermões?

Fiz uma profunda análise da situação em que se encontra o país e concluí que Portugal merecia este livro nesta altura. É uma obra pedagógica e moral em tempo de crise de valores, uma âncora ética para pessoas de todas as idades. *O Meu Pipi - Sermões* não convoca o leitor para as suas páginas, como fazem muitos livros, mas convoca-se a si mesmo para a vida do leitor, não só porque o convida a um diálogo com o seu próprio coração,

em busca daquilo que é mais singularmente humano, mas também porque, se for pousado sobre a mesa de cabeceira, é um livro que, durante a noite, entra na cama e vai à bufa do leitor.

Os sermões do padre António Vieira foram a sua grande fonte de inspiração. O que é que no padre Vieira excitou tanto a imaginação de O Meu Pipi?

Se a oratória exercita a língua, a oratória barroca dota-a de capacidades ímpares. E António Vieira é uma referência no plano ético, na medida em que abandonou o conforto do seu país para desenvolver intensa missão em lugares nos quais as nativas andavam com as tetas de fora.

Evangelizar, sim, mas espreitando tetas. Foi por essa razão que me interessei pela literatura religiosa. E também porque andava a comer uma carmelita descalça (um beijo, Maria Teresa).

O livro tem 100 páginas à justa, muitas das quais com ilustrações, está escrito em corpo 13 ou 14 e tem uma entrelinha de 15 ou 16. Tendo em conta que o padre António Vieira era tão verborreico, porque é que O Meu Pipi foi tão poupadinho nos seus sermões?

O livro é, de facto, composto por páginas, a maior parte das quais contendo letras que, com efeito, se encontram separadas umas das outras por um determinado espaçamento. A sua sagaz observação certifica todos os elogios que por aí se vão fazendo



à crítica literária da Time Out. Bom, digamos que a concisão é um valor mais caro aos pregadores que não fizeram voto de castidade. O padre Vieira ia do púlpito para o mosteiro. Eu tenho berlaçadas para arrefinar, como sabe. Procuo que os sermões não tenham duração superior à do período refractário. **O livro abre com uma conversa entre Deus e Abraão sobre "pele de pichota", e todo ele se dedica a teologizar sobre o chavascal.**

O Meu Pipi quer ofender a Igreja ou está apenas a tentar que o Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura se pronuncie sobre a sua obra?

Há outro livro que abre com uma conversa entre Deus e Abraão sobre "pele de pichota". É uma obra de autor desconhecido (são as melhores), e a conversa vem logo no início, ao capítulo 17. Parece-me um pouco blasfemo o seu receio de que citar a Bíblia possa ofender a Igreja. Além disso, por muito que a reflexão sobre o prepúcio ande hoje arredada da teologia, o contributo da Igreja para o corpo teórico sobre pele de pichota foi decisivo. Santa Catarina de Siena, por exemplo, contraiu casamento místico com Jesus Cristo e o anel que recebeu d'Ele, em sonhos, foi, precisamente, o prepúcio que o Senhor havia guardado desde a sua circuncisão. Sabe como é: as mulheres deixam-se sempre conquistar por presentes de bom gosto. Embora o prepúcio fosse invisível para todos menos ela, a santa usou-o no dedo até morrer. E repare que a Igreja, em vez de se ofender, beatificou-a. **Porque é que as citações da Bíblia surgem transcritas em latim, quando qualquer leitor de José Rodrigues dos Santos sabe que as fontes bíblicas mais antigas são em grego,**

hebraico e aramaico?

Porque o critério não foi o da antiguidade. As duas versões da Bíblia que mais repercussão tiveram no nosso mundo, a ponto de até as suas imprecisões terem produzido significados importantes, foram a Vulgata e a versão do rei Jaime. Sucedeu que não aprecio linguas bárbaras, e foi por isso que optei pela versão latina. E também porque andava a comer uma latinista (um beijo, Vanda). **"Calafates", "inadimplência", "O Meu Pipi quer ofender a Igreja ou está apenas a tentar que o Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura se pronuncie sobre a sua obra?"**

"hecatônquiros", "langonhas". O Meu Pipi andou a tirar uma tese de doutoramento nos últimos oito anos ou gosta de brincar com dicionários?

Que alguém, menos atento à mitologia clássica, não tenha ouvido falar nos gigantes hecatônquiros, tolera-se bem. Que seja pouco versado no jargão jurídico e seja obrigado a recorrer ao dicionário para saber o que é inadimplência, também se aceita. Que desconheça o que faz um calafate, enfim, será menos revelador de ignorância do que da felicidade de ter uma casa sem frinchas. Mas é um sinal dos tempos extremamente preocupante que um jornalista considere "langonhas" uma palavra obscura e difícil. Que formação andam as nossas universidades a dar a esta gente? **Segunda uma pesquisa de campo realizada a 28 de Novembro, 85,7% dos jornalistas da redacção da Time Out afirmaram acreditar plenamente que O Meu Pipi se chama Ricardo Araújo Pereira. Que comentário lhe merece esta sondagem?** Julgo que é uma sondagem cuja credibilidade contribui para engrandecer o vasto património de sondagens certas em que o nosso país é tão fértil. Enfim, será mais um a sacar senaita à minha custa.

Críticas

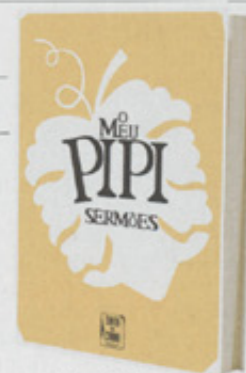
O Meu Pipi - Sermões

★★★★

O Meu Pipi
Tinta da China, 11,90€

As expectativas, como diria O Meu Pipi, são fodidas, e regressar ao local do crime oito anos depois da publicação de um livro (*O Meu Pipi - Diário*) que deu tanto que falar, recebeu cinco estrelas de críticos respeitáveis e ainda vendeu 45 mil exemplares seria sempre uma empreitada arriscada. Ainda por cima, talvez por um estimável ódio à rotina, o anónimo autor que pôs o país literário a elucubrar sobre a sua identidade afastou-se da receita original e decidiu elevar a parada, regressando com seis "sermões", com nomes tão criativos quanto "Sermão de Sto. António às Pichas" ou "Sermão da Sexagésima Punheta Que Eu Bati Hoje".

Pelos títulos não é difícil perceber que O Meu Pipi reaparece de batina e solidéu, como se alguém tivesse convidado o padre António Vieira para animar umas *Conversas em Família* no canal Sexy Hot. E assim, as citações em latim coabitam alegremente com a habitual criatividade do léxico pipiesco, seja em tiradas bíblico-badalhocas, seja



em trocadilhos shakespearianos ("há mais coisas entre a raiz e a glândula, pichas, do que sonha a nossa vã anatomia"), seja em divertimentos barrocos e jogos estilísticos, tipo "espirra esporra espúria". Só que a erudição - de Heródoto a Pessoa, há de tudo -, acaba por sufocar o humor. O que em *Diário* era sobremesa, aqui tornou-se prato principal. E são tantos os preliminares linguísticos que depois falta força ao acto (ou seja, à piada) propriamente dito.

O resultado, em linguagem de Pipi, é como ir para a cama com uma gaja muito boa e a queca só ser assim-assim. Na altura de fumar o cigarrinho pós-acto conclui-se que foram momentos mal passados? Não se conclui. Só que a memória das belas cópulas do antigamente acaba por deixar um certo amargo de boca. *João Miguel Tavares*

Terraços de Teerão



★★★★
Mahbod Seraji
Editorial Presença, 16,90€

O que salva este livro de ser a elementar historieta de amor (que, na verdade, não deixa totalmente de ser) entre uma rapaz iraniana de 17 anos e a namorada de um universitário morto às mãos de um poder autocrático? Estranhamente, o que está à volta do idílio entre Pasha e Zari. Enquanto o regime do Xá se arrasta nos últimos estertores, e a revolução islâmica ainda não deflagrou na velha Pérsia, o instável mosaico social e político é o suficiente para sustentar o romance e dar-lhe a

segurança que a "pequena história" decerto não lhe daria.

Terraços de Teerão tem por eixo principal as digressões emocionais e sentimentais de dois jovens, as suas inquietações e desejos de pouca espessura, ainda que, naturalmente, cruciais nas suas vidas. Mas é o que está à volta desse núcleo, especialmente exíguo, que acaba por ser o cimento que dá solidez a esta ficção.

No terraço da sua casa, Pasha e o amigo Ahmed encontram a catapulta para lançar ao largo as suas frustrações. Num país vigiado de perto pela polícia secreta (SAVAK) e espartilhado por uma moral sufocante, o seu combustível são as leituras proibidas, as mínimas revoluções, a cumplicidade de um pequeno círculo de amigos. O rebelde Doutor (risível alcunha do estudante universitário mentor de Pasha) será a primeira vítima do regime, mas o seu legado será a consciencialização do jovem protagonista.

Terraços de Teerão acaba por ser um exemplo de como o cenário pode ser mais importante do que os protagonistas. *Hugo Pinto Santos*

Foram precisos oito anos para voltarmos a ouvir falar do Sr. Pipi, figura enigmática que em 2003 incendiou a então jovem blogosfera com os seus textos obscenos. Na altura, atiraram-se à parede vários nomes, numa febre especulativa em torno de nomes menos prováveis como Vasco Graça Moura, Eduardo Prado Coelho, José Pacheco Pereira e António Mega Ferreira, e de outros mais evidentes como Ricardo Araújo Pereira e José Diogo Quintela. Na ausência de uma identidade definitiva, traçou-se um perfil: o Sr. Pipi seria um homem culto e com influência, usando e abusando das vantagens de uma língua que, como aprendemos a dizer há anos, é traçadora, e tendo mais a ganhar com o anonimato por trás de textos que fizeram entumecer os mancoes escondidos em todos os homens viris e corar as pudicas donzelas em zonas há muito desactualizadas.

O regresso do Sr. Pipi no final de 2011 com "Sermões" (Tinta-da-China) introduz uma outra variante da personagem, agora profundamente ancorada numa linhagem subterrânea da literatura erótica (tão bem inventariada na "Antologia da Poesia Erótica e Satírica" de Natália Correia), mas também numa tradição de escrita comprometida com uma possibilidade de moralização social, aqui investida em cinco sermões que glosam textos do Padre António Vieira, Tomás de Aquino e Santo Agostinho. Sem nunca revelar a sua identidade (e fazendo disso gala), o Sr. Pipi conversou com o Ípsilon. Eis o que conseguimos por e-mail.

Que cuidado tem para não se deslumbrar com a sua escrita (já que o deslumbramento pelo seu mastro parece ser evidente)? Como dar-lhe um sentido que não seja de simples soberba?

A sua pergunta indica que está convencido de que a soberba é simples. Ora, tanto eu como Tomás de Aquino discordamos de si. Talvez isso o faça reconsiderar, uma vez que qualquer pessoa vacila quando percebe que a sua opinião difere tanto não só da de um grande pensador, como também da de Tomás de Aquino. A soberba é o pecado maior, do qual derivam todos. Trata-se de competir com o Senhor. Quem deseja fazer carreira no pecado, como é o meu caso, deve ter em consideração que os pecados grandes são, como é evidente, mais compensadores. Se a minha escrita tiver apenas o sentido da simples soberba, ficarei satisfeito, pois sou apreciador de soberba e de simplicidade. Ser complexo é roto.

Nestes sermões há a presença fantasmática de Vieira, mas grande parte da construção

não virá primeiro de Santo Agostinho e do Cântico dos Cânticos? Em que medida quis perceber o mistério da carne através da prosápia linguística? Bom, quanto a Santo Agostinho acertou. Pendurei um poster do bispo de Hipona no meu quarto e tenho tocado jucundas sarapítolas a contemplá-lo. Agostinho ajudou, e de que maneira, a carregar de indecência o fornicio. Já no Cântico dos Cânticos, aborrece-me uma certa tendência para o "soft porn". Além disso, há demasiadas referências a corças e pombas, e a simples sugestão de bestialismo, ainda que involuntária, é-me repugnante. Não gosto de javardice, como sabe. Quanto ao resto, discordo novamente: a vantagem da carne é não ter mistério nenhum. É muito mais misteriosa a prosápia linguística. Repare: as palavras "vagina" e "pipi" referem-se à mesma entidade. Mas a segunda designação entusiasma, ao passo que a primeira repele. Não a mim, que me entusiasmo com tudo, mas em geral. E, no entanto, a carne é a mesma.

Há um trabalho ao nível da construção frásica que, imagino, ambiciona a sua leitura pública. Por exemplo: "Nem todo o barrote espirra esporra espúria". Serão estes sermões pensados para uma leitura em comunidade? Interessam-me perceber se para si, como para Santa Teresa de Ávila, a palavra é um modo de ascese ou um projecto de sedução. A sua observação é perspicaz, além de revelar que leu mesmo o livro. Tem a certeza de que é jornalista? Se for, temo que se arrisque a perder a carreira. Bom, é consigo. Respondendo à sua questão: de facto, há nos meus textos uma dimensão de poesia que denuncia a minha intenção de ver estes sermões lidos em público. A oratória religiosa costuma ter o seu lugar nas igrejas, mas creio que esta minha obra, não rejeitando o púlpito, procura antes as escolas. É curioso que tenha referido Teresa de Ávila, cujo temperamento fascinante a igreja definiu como "santo", e a medicina moderna define como "histérico". Para mim, talvez a palavra congregate a ascese e a sedução, pois vejo-as como complementares. Note que a ascese implica um movimento de aproximação, e "seducere" significa puxar para si. É isso, para mim, a palavra. E gosto especialmente das esdrúxulas.

Há uma poética da inocência, do prazer puro, ao longo destes sermões. Encontro essa apologia no Sermão da Montada e, em particular, nesta passagem: "Nota, Leocádia, que fornicamos à margem da moral: tanto da católica, que

subordina as fodas à procriação, como da moral burguesa, que as subordina ao amor. Nós estamos fodendo intransitivamente, sem outro propósito que não seja poder"...

No meu caso, não se trata de procurar ser puro, trata-se de não conseguir evitá-lo. Julgo que o problema remonta à minha infância, pois soube desde muito cedo o que era o sofrimento: minha avó fazia criação de "pathos". E o padecimento, como sabe, purifica. A mim, deixou-me mais puro do que gostaria, pois acredito que há uma única tentação na qual não devemos cair: a da santidade. Aquilo que toma por desejo de pureza é, na verdade, intenção de me livrar dela. Luto contra a minha própria natureza - e perco. Invejo aqueles rústicos que se dizem incapazes de exprimir através de palavras o que estão a sentir. Ora, eu só sei o que estou a sentir porque consigo exprimi-lo através de palavras. Eles são tomados por sentimentos inefáveis, cuja frágil pureza não suporta a tradução para as impuras palavras; eu exprimo-me exclusivamente através de palavras, o mais artificial e traçoireiro dos recursos, e acrescento pureza ao que já era puro. Oh, antinomias do caralho!

Como vê a literatura portuguesa, sabendo nós da sua (dela) relação difícil com o sexo?

Em primeiro lugar, julgo ser mais ou menos evidente que os escritores portugueses fodem pouco e mal. Decorre daqui que as traílidades sejam deficientemente representadas, não só na literatura, mas também nos livros do Miguel Sousa Tavares, por exemplo. A este propósito, chamo a sua atenção para o célebre episódio da noite de núpcias, no "Rio das Flores". Diz assim: "[Diogo] entrou nela devagar, conforme ela pedira. Devagar e cada vez mais fundo, até que um dique se rebenuto alguns, não sabia se dele, se dela, se de ambos." Note que se trata de um erotismo hidráulico, este que cruza os diques com a beiraíada. Aqui para nós, deve ser incomodativo. Está um homem sossegado, convencido de que vai arrefinir gostosa pinada inaugural na esposa, e de repente o rebenutamento de um dique revela-lhe que está, na verdade, a ir à bufa da Holanda. Eu, além de rejeitar a presença dos diques na copulação, prefiro a linguagem a que se costuma chamar obscena. Acho menos ordinária. Obsceno é um termo que tem raiz na sensibilidade teatral, e significa o que ficava fora de cena: o sexo e a morte. A mariconça plateia não aguentava ver a frágil carne humana penetrada, quer pela lança, quer pela caralhoz lanceta - para usar a linda formulação de Bocage. O que se rejeitava era, portanto, o falo. Essa linguagem dos bastidores interessa-me porque é mais viva e mais lim-

pa - e, como já lhe disse, aspiro à clareza. Eu, de hermético, só tenho o cu. Em segundo lugar, julgo que se fornicamos menos bem no lupanar do que na sacristia. Por causa da devassidão que grassa pelo nosso pobre mundo, neste livro fui obrigado a passear pela Bíblia como dantes se passeava por Braga. Melhor assim, porque Braga já não é o que era, e a Bíblia está melhor do que nunca. Há ainda a invocação de piraos antigos, uma vez que a minha enxerga já teve muitos donos e faço por lhe conhecer todas as nódoas. Sou, se quiser, uma espécie de Vila-Matas da javardice. Um Vila-Ratas, digamos. Minhas traílidades prestam tributo a velhas traílidades; sarapítolas de outrora vêm iluminar minhas sarapítolas. Além disso, a citação conduz à excitação, designadamente do grelo letrado - que, sendo muitas vezes enfadonho e quase sempre maljeitoso, constitui excelente petisco para intercalar entre duas séries de sopeirinhas.

Nos seus textos, abunda mais o caralho do que a cona. Mas, apesar de falocêntrica, a sua escrita não é machista, já que reconhece a dependência do homem em relação à mulher. É uma preocupação sua?

Não sou machista, mas não é uma preocupação. É natural em mim, até porque ser machista é roto. Os cultores dessa crença começam por postular que o homem é superior à mulher e depois começam a intensificar o convívio com os seres superiores. Do ponto de vista filosófico, parece-me inevitável que essa mundividência redunde em sodomia.

Há um momento em que, como Hamlet, encontra no cemitério a caveira do seu tio Eurico. "Caveira, estás agora teus golpes de língua, tuas cabriolas labiais, teus chupões que alvoracavam uma senaita?", pergunta-lhe.

Estes sermões são uma forma de guardar a sua memória? Que coincidência engraçada. Quer dizer que Hamlet também encontra a caveira de um conhecido no cemitério? Não é a primeira vez que registro uma semelhança entre mim e Shakespeare. Que lhe hei-de dizer sobre a memória? A vida é efémera. As fodas, mais efémeras ainda. E o momento do superlativo climace não é mais que isso: um momento. Que temos de nosso a não ser a memória? Somos a nossa memória - e sabemos como ela é frágil, enganadora, terrível. Bem vistas as coisas, a memória é uma fantasia tendente para nada. E, lá está, nós também. Tomar consciência disso não me preocupa, mas motivou-me a esgalhar uma boa punheta. Enfim, não sou o primeiro.

Entre Eros[pulsão da vida] e Thanatos [pulsão da morte],

Ver versão integral desta entrevista na edição do Ípsilon em iPad

O evangelho segundo o nosso pipi

Oito anos depois da sua fulgurante explosão na blogosfera, O Meu Pipi regressa com um volume de "Sermões". O anonimato mantém-se (e tentar adivinhar se por trás disto há algum Ricardo Araújo Pereira é "um exercício rotíssimo"), a prosápia também. *Tiago Bartolomeu Costa*

